

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUIS ANTONIO GOMES

**CICLO DE ESTUDOS DA EDUCAÇÃO DA VIDA – CEEV E A FORMAÇÃO
CONTINUADA DOS PROFISSIONAIS DA ÁREA DA EDUCAÇÃO:
AUTOCONHECIMENTO, RELAÇÕES INTERPESSOAIS E REDE DE PARCERIAS
APRIMORANDO OS PROCESSOS EDUCATIVOS**

**MATINHOS
2019**

LUIS ANTONIO GOMES

CICLO DE ESTUDOS DA EDUCAÇÃO DA VIDA – CEEV E A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFISSIONAIS DA ÁREA DA EDUCAÇÃO: AUTOCONHECIMENTO, RELAÇÕES INTERPESSOAIS E REDE DE PARCERIAS APRIMORANDO OS PROCESSOS EDUCATIVOS

Trabalho apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação, do Setor Litoral, da Universidade Federal do Paraná.
Orientadora: Prof.^a Ma. Susan Regina Raittz Cavallet

**MATINHOS
2019**

UFPR

Universidade Federal do Paraná
Setor Litoral
Curso de Especialização em Alternativas para
uma Nova Educação

UFPR
LITORAL

TERMO DE APROVAÇÃO

LUIS ANTONIO GOMES

CICLO DE ESTUDOS DA EDUCAÇÃO DA VIDA – CEEV E A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFISSIONAIS DA ÁREA DA EDUCAÇÃO: AUTOCONHECIMENTO, RELAÇÕES INTERPESSOAIS E REDE DE PARCERIAS APRIMORANDO OS PROCESSOS EDUCATIVOS.

Monografia apresentada ao curso de Pós Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista

Prof(a). Msc. Susan Regina Raittz Cavallet
Orientadora)

Prof(a). Especialista Semyra de Lourdes Stephan

Prof. Marcos Rogério Silvestri Vaz Pinto

Luis Antonio Gomes

Matinhos, 06 de dezembro de 2019.

RESUMO

O projeto “Ciclo de Estudos da Educação da Vida – CEEV e a Formação Continuada dos Profissionais da Área da Educação” é um curso de extensão universitária, com duração de 3 (três) anos e carga horária de 200 (duzentas) horas, que visa a contribuir para a melhoria da qualidade dos processos de gestão e de ensino-aprendizagem em diversos estados do Brasil, abordando questões que envolvem relações interpessoais de toda a comunidade escolar e dos processos pedagógicos. Por meio de debates, estudos em grupo, rodas de conversa, oficinas, escritas do memorial de formação, elaboração de um pré-projeto, aplicação do projeto pedagógico, relatório final e outras atividades pedagógicas, pretende-se colaborar e conduzir os profissionais da área da Educação ao autoconhecimento e conseqüente autoaprimoramento, capacitando-os através do desempenho efetivo e eficaz de suas funções, bem como proporcionar-lhes o seu aprimoramento espiritual, cognitivo, ético, moral, cultural e social e assim contribuir na construção de soluções coletivas (solidárias e responsáveis) para os desafios enfrentados pelas unidades escolares. O projeto é desenvolvido baseado nos Princípios e Fundamentos da *Educação da Vida*, preconizado pelo fundador da Seicho-No-Ie, professor Masaharu Taniguchi. O eixo norteador é a afetividade, com intuito de reconhecer os indivíduos por suas potencialidades e não pelos seus deficits, ou seja, fazer uma profunda reflexão acerca da forma como se vê o ser humano. O curso existe há 13 anos. Em 2007, formou-se uma turma “piloto” em São Paulo com aproximadamente 35 alunos. Ao longo desses anos percebeu-se em vários momentos a necessidade de ajustes no desenvolvimento do projeto. A partir de 2018, as atividades desse projeto foram se somando às experiências e às trocas ocorridas com os amigos da ANE – Alternativas para uma Nova Educação, um curso de especialização da Universidade Federal do Paraná – UFPR Litoral. Desta parceria surgiram contribuições para ampliar a visão de como se poderia colaborar, ainda mais, com os cursistas na caminhada em direção aos objetivos estabelecidos. Neste trabalho, relata-se um pouco destes encontros do CEEV e da ANE mediados pela condição pessoal de sujeitos deste processo de transformação. A cada encontro foi possível identificar os avanços principalmente em relação às ressignificações necessárias para a renovação de determinados conceitos e formas de trabalho em equipe. As visitas aos projetos desenvolvidos por outros colegas da ANE reforçaram ainda mais a importância da mudança dentro do processo, e de como é importante a rede de trocas e parcerias para despertar a busca do autoconhecimento e para transformar nosso pensamento, nossas relações e nossas realidades.

Palavras-chave: Ressignificação. Autoconhecimento. Afetividade. Relações interpessoais. Rede de trocas.

ABSTRACT

The project “Life Education Study Class (CEEV in Portuguese) and the Continuing Training for Educational Professionals” is a University Extension course, lasting 3 (three) years and a course load of 200 (two hundred) hours, which aims to contribute to improve the quality of management and teaching-learning processes in several states in Brazil, addressing issues that involve interpersonal relationships across the school community and pedagogical processes. Through debates, group study, conversation circles, workshops, writing of the training final paper (memorial), preparation of a project, application of the pedagogical project, final report and other pedagogical activities, the intention is to collaborate and lead professionals in the field of education to self-knowledge and consequent self-improvement, enabling them through the effective and efficient performance of their functions. Provide education professionals with their spiritual, cognitive, ethical, moral, cultural and social improvement and thus contribute to the construction of collective solutions (solidary and responsible) for the challenges faced by school units. The project is developed based on the Principles and Fundamentals of Life Education, recommended by the founder of Seicho-No-Ie, professor Masaharu Taniguchi. The guiding principle is affectivity, in order to recognize individuals by their potentialities and not by their deficits, that is, to make a deep reflection about the way we move the human being. The course has been available for 13 years; in 2007 it was formed a “pilot” class in São Paulo with approximately 35 course participants. Throughout these years, we realized, in different moments, the need for adjustments in the development of the project. From 2018, the activities of this project were added to the experiences and exchanges that occurred with our friends from “Alternatives for a New Education, a Specialization” (ANE) course at the Federal University of Paraná (UFPR Litoral). From this partnership, contributions emerged to broaden our vision of how we could collaborate, even more, with our students on the path towards the established goals. In this paper, we report a little of these meetings of CEEV and ANE, mediated by our personal condition as subjects of this transformation process. At each meeting, it was possible to identify the advances, mainly in relation to the re-significations necessary for the renewal of certain concepts and forms of teamwork. Visits to projects developed by other ANE colleagues reinforced even more the importance of change within the process, and, how important is the network of exchanges and partnerships to awaken the search for self-knowledge and to transform our thinking, our relationships and our realities.

Keywords: Resignification. Self-knowledge. Affectivity. Interpersonal relationships. Exchange network

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – 1º Encontro em Matinhos – Fomos efetivar nossa matrícula

Figura 2 – Apresentação do Banner – CONANE Caiçara

Figura 3 – Encontro anual com os Coordenadores e Orientadores do CEEV em Ibiúna – SP

Figura 4 – Atividade plantio de árvores com alunos do CEEV Município de Taubaté – SP

Figuras 5 e 6 – IV Congresso Latino-Americano de Educação da Vida da Seicho-No-le do Brasil com as participações de Marília de Santis e Mila Zeiger Pedroso

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. MINHAS MEMÓRIAS.....	9
3. CICLO DE ESTUDOS DA EDUCAÇÃO DA VIDA – CEEV	15
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
5. REFERÊNCIAS.....	22

1. INTRODUÇÃO

Minha graduação universitária foi em Letras com habilitação em Português e Inglês, e o tema do meu TCC - Trabalho de Conclusão do Curso foi “A Formação dos Professores”. Na época, minha pesquisa mostrou um número muito grande de professores recém-formados que não se sentiam preparados para ingressar no mercado de trabalho.

Minha turma era formada por um grupo bastante heterogêneo: uns estavam fazendo o curso porque a empresa onde trabalhavam passou a exigir dos funcionários uma graduação universitária, outros queriam ter um nível superior e pensavam se tratar de um curso “muito fácil”. Poucos eram os que já atuavam como professores ou tinham o desejo de se tornar um.

Os professores eram bem exigentes, principalmente na leitura dos livros indicados na bibliografia, participação nas aulas e entrega dos seminários. Ao mesmo tempo, trabalhava como professor alfabetizador na Escola Estadual Dirce Pastore, no bairro vizinho ao que eu morava em São Paulo.

Duas coisas me chamavam a atenção: primeiro, o coordenador pedagógico, na HTPC – Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo, passava para nós as orientações, principalmente em relação ao nosso procedimento em sala de aula. Os colegas entravam na sala, fechavam a porta e procediam da forma como queriam. O segundo motivo era em relação ao PPP – Projeto Político Pedagógico da escola.

Imaginava que fôssemos discutir o PPP coletivamente, mas na verdade o que era feito era um “copie e cole” do ano anterior. Quando faço essas colocações, que são principalmente em relação à postura dos professores, ficava pensando: por que será que não constatamos nenhuma melhora no aprendizado dos alunos?

Com o projeto CEEV espera-se que os educadores possam refletir mais sobre a sua prática pedagógica e assim, contribuir significativamente inicialmente para sua escola e posteriormente para a sua comunidade, não medindo esforços para a construção de um mundo melhor e mais humano.

Acredito que desta reflexão e das contribuições decorrentes das aproximações das realidades concretas possam desdobrar-se processos de autoconhecimento, relações interpessoais mais saudáveis e conseqüentemente, aprimoramento dos processos educativos.

2. MINHAS MEMÓRIAS

Nasci em Santa Rita do Sapucaí – Minas Gerais. Sou o caçula de uma família de 22 filhos. Meus pais casaram-se muito jovens. Quando eu tinha 2 anos, viemos de mudança para São Paulo – Capital.

Minha mãe sempre foi dona de casa. Antes de falecer, confidenciou-me que seu sonho era ter sido professora. Se tivesse tido a oportunidade, com certeza, teria sido uma excelente professora, posto que era muito amorosa e paciente, porém firme quando precisava. Cresci ouvindo da minha mãe que deveria respeitar a professora como se fosse minha mãe.

Sou casado com a Mariângela Souza Moreira Gomes, docente do ensino superior no curso do Direito e tenho um filho, o Victor Luis Moreira Gomes, que está com 11 anos e é estudante do 6º ano do ensino fundamental II. É o filho que me dá a oportunidade de ser um pai e um cidadão cada vez melhor. Procuo transmitir a ele os valores recebidos de meus pais, aos quais sou profundamente grato.

Moro no mesmo bairro desde que chegamos de Minas. Tive uma infância muito livre, nossa rua era sem saída; portanto, a extensão do quintal da nossa casa. Já dentro de casa, para manter o controle, minha mãe utilizava regras e normas um tanto quanto rígidas. Hoje penso que se não fosse dessa forma seria bem difícil de controlar a disciplina no nosso lar.

Quando chegou o momento de ir para escola, fui matriculado na escola pública estadual mais próxima de minha casa. Levou muito tempo para me adaptar, pois nunca havia ficado tanto tempo longe de minha mãe. Chorei muito nos primeiros dias de aula. Minhas professoras do ensino fundamental I eram ótimas.

Uma delas, inclusive, era minha vizinha e quando chegava com seu carro, eu corria para abrir o portão. No entanto, eu tinha muita dificuldade para aprender. Tive muita adversidade para ser alfabetizado; isso me deixava muito triste, pois via meus amigos aprendendo a ler e escrever, e só eu não conseguia. Apesar disso, consegui terminar o ensino fundamental II.

Minha primeira experiência como educador se deu por meio da arte. Quando eu tinha quinze anos, um amigo soube que uma escola de balé no bairro vizinho ao nosso estava dando bolsa de estudo para rapazes. Esse meu amigo era

muito tímido e assim, fui acompanhá-lo. Depois de conversar com a dona da Escola Ballet Marly Zavar, começamos a fazer as aulas juntos.

Quando terminei o 3º ano, aconteceu um fato curioso: todas as alunas do 1º ano foram reprovadas. Então, no início do ano seguinte fui convidado para lecionar a essa turma.

Trabalhei com muito empenho com essas alunas enquanto cursava o 4º ano e, para minha surpresa, no final do ano, todas foram aprovadas. Ganhei o troféu de professor revelação do ano. E assim, continuei dando aula e estudando até me formar.

Após concluir o curso, fui convidado para trabalhar numa escola em Joinville-SC e dançar como bailarino profissional nessa mesma escola. Em outubro daquele ano, meu pai faleceu. A família toda ficou muito triste com esse episódio.

Nessa época, eu tinha muita vontade de voltar a estudar e, como tinha as noites livres, fiz a minha matrícula no Colégio Técnico Joinvilense e comecei a fazer o ensino médio profissionalizante.

Dei início, então, ao curso de Magistério e, passados três anos, recebi o convite para trabalhar no SESC da cidade de Florianópolis. Além das aulas regulares, incentivava minhas alunas a se apresentarem em vários festivais de dança dentro do estado de Santa Catarina. A experiência vivida no palco é indescritível.

Em março de 1999, um de meus irmãos veio a falecer. Revivemos, na ocasião, a mesma dor de outrora, pois o óbito se dera com a mesma causa que ocorrera com o nosso pai (câncer no intestino). No início de dezembro desse ano, voltei para São Paulo, já que minha mãe morava sozinha e eu era o último filho solteiro.

Chegando à capital paulistana, fiz minha inscrição para dar aula na Diretoria de Ensino Norte 2. No início do ano 2000 consegui trabalhar como professor eventual. Todos os anos era um sofrimento no momento da atribuição de aulas. Procurava dividir meu dia da seguinte forma: de manhã, trabalhava na escola; à tarde, cuidava da minha mãe e à noite fazia faculdade, no curso de Letras.

No 2º ano de faculdade, outro momento de muita dor e sofrimento: minha mãe faleceu, aos 82 anos. Confesso que, nessa circunstância, quem me carregou literalmente no colo foram os meus alunos, pois recebi o apoio emocional incondicional deles.

No ano seguinte, fui convidado para trabalhar na Oficina Pedagógica da Diretoria de Ensino Norte 2. Ocupei o cargo ATP (Assistente Técnico-Pedagógico) Gestor da Teia do Saber. Certa feita, pela Diretoria, fui convidado a participar de um evento promovido pela Secretaria de Estado da Educação, com o intuito de comemorar o Dia dos Professores.

Um dos palestrantes foi o professor José Pacheco. Fiquei muito feliz, pois tudo que ouvi em sua palestra vinha ao encontro do que eu sempre pensei e acreditei em relação à educação; saí do evento com a esperança em uma nova educação totalmente renovada.

Uma das coisas que sempre incomodou muito nos colegas de trabalho nas escolas por onde passei era o fato de que sempre procurei fazer tudo que os colegas faziam, porém de forma diferenciada, priorizando em meu trabalho o afeto. Procurei sempre conhecer um pouco da história de vida dos meus alunos.

Lembro-me, por exemplo, de um aluno do 2º ano, Renan, que iniciou o ano letivo me dando muito trabalho. Pedi para a coordenação chamar sua mãe e fui informado que ele morava com a avó. Pedi para falar com ela, pois com poucos meses já tinha muitas ocorrências registradas.

Depois que informei a ela todos os sucedidos, ela me pediu para que eu tivesse um pouco de paciência com ele, pois dos oito anos que ele tinha, morou três na rua, sozinho. De posse dessa informação, mudei a forma de me relacionar com ele.

Em um curto espaço de tempo esse aluno saiu da condição de quem me rejeitava, posto que compreendi que o que ele rejeitava, na verdade, era a figura masculina e o que ela trazia de marcas de sua história. Com isso, percebi o quanto o afeto e o acolhimento são fundamentais para a formação do aluno.

Sempre me incomodou muito nas escolas a forma como os colegas tratavam os alunos, muitas vezes atribuindo adjetivos horríveis e desqualificadores a eles.

Já em 2008, recebi o convite do professor Marcos Rogério Silvestri Vaz Pinto para trabalhar na Seicho-No-Ie do Brasil, no setor que cuida especificamente da Educação. Tive a oportunidade de acompanhá-lo em diversos projetos de ressignificação de escolas, atendimento às Secretarias de Educação nas aberturas de semanas do planejamento pedagógico e outros eventos relacionados à Educação.

Participamos da abertura do Congresso para educadores promovido pela LBV (Legião da Boa Vontade). Na ocasião, foi a segunda vez que assisti a uma palestra do professor José Pacheco, na qual novamente pude constatar que esse formato atual das nossas escolas não ensina e nem prepara os alunos para vida.

Como sempre atuei como professor alfabetizador, pude compreender algo que intuitivamente já percebia, quando o professor Pacheco nos disse: “Não é o professor que alfabetiza, mas o aluno que permite que o professor o alfabetize”.

Em 2012, organizamos o I Congresso Latino-Americano de *Educação da Vida* da Seicho-No-Ie, e em 2021 ocorrerá a sua 5ª edição. Neste evento, busca-se ampliar a rede de trocas entre os educadores.

Em 2017, tive a oportunidade de participar da III CONANE (Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação), em Brasília. Fiquei fascinado com os inúmeros projetos inovadores em Educação. Em 2018, iniciei o curso ANE – Alternativas para Nova Educação na UFPR como estudante da ANE Paulista.

Tive a oportunidade de participar de vivências importantes, como na Escola Municipal Antonio Coelho Ramalho, em Ibiúna, e Escola Municipal Bairro da Peinha, em Arujá; na formação com professoras e alunas da UNESP, de Marília, e EMEF Presidente Campo Salles, no bairro educador de Heliópolis.

FIGURA 1 – 1º Encontro em Matinhos – Fomos evetivar nossa matrícula



Fonte: Luis Gomes 2018

Confesso que, quando iniciei o curso, estranhei um pouco o seu formato: sem aulas, sem professores, sem provas; mas no decorrer dos encontros fui me

apaixonando e me identificando com essa “nova configuração”, pois nunca tinha tido a oportunidade de viver essa experiência. Já no primeiro encontro, várias coisas me encantaram.

Uma delas foi o fato de estar de volta ao mundo acadêmico. Não havia percebido o quanto isso me fazia falta. Um dos encontros que me marcou foi o que trabalhamos o tema da inclusão. Foi bastante esclarecedor, pois entendo que ainda existe muitas pessoas que não entenderam o conceito e o quanto ainda é preciso discutir o assunto.

Destaco aqui valiosa contribuição por meio dos relatos que a educadora Francéli Brizolla trouxe para o encontro. Nossa turma era bem pequena, mas todos bem envolvidos com os ideais de uma proposta inovadora. Isso se tornava evidente, quando em nossas rodas de conversa era quase unânime as falas relacionadas sobre a ausência das relações interpessoais no convívio diário do ambiente escolar.

E, lamentavelmente, as escolas se isolando, se escondendo atrás de seus muros, dificultando desta forma, o aprimoramento dos processos educativos e a busca por parceiros para o fortalecimento desse processo. Entendo que a escola é cheia de regras, mas sem vínculo algum com os valores, ou o que é pior: os professores exigindo de seus alunos coisas que nem mesmo eles fazem.

Em 2019, participei da IV CONANE, em Brasília. Voltei do evento com o coração preenchido, renovado e confiante principalmente por conta da rede que se estabeleceu.

Cumprindo uma das exigências do curso, em dezembro de 2019 participei da CONANE Caiçara, em Matinhos. Na oportunidade, apresentei um *banner* com o projeto do CEEV – o que foi outro momento marcante em minha vida. Além do acolhimento e do empenho de toda a equipe organizadora que se desdobraram para atender a todos, destaco, desse evento, três momentos marcantes.

São eles: a fala dos convidados especiais, o momento da apresentação dos nossos projetos e a ‘Caminhada Revoada da Paz’. “Ser humano ambiente em harmonia”. Como nada é por acaso, um dos slogans que utilizamos em nossas atividades é: “Seicho-No-le: um modo feliz de viver em harmonia com a natureza”. Estimulamos os cursistas do CEEV à compreensão de nossas responsabilidades com o meio ambiente.

Figura 2 – Apresentação do Banner – CONANE Caiçara



Fonte: Luis Gomes 2019

3. CICLO DE ESTUDOS DA EDUCAÇÃO DA VIDA – CEEV E A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFISSIONAIS DA ÁREA DA EDUCAÇÃO: AUTOCONHECIMENTO, RELAÇÕES INTERPESSOAIS E REDE DE PARCERIAS APRIMORANDO OS PROCESSOS EDUCATIVOS

Dentre os propósitos da *Educação da Vida* está a reeducação do adulto por meio do que denominamos de “transformação vivencial”. Isso significa que só podemos compreender e modificar algo em nossas vidas, em nossa conduta, mediante práticas e vivências. Entendemos que essa reeducação é fundamental para que o educador se perceba cada vez mais e eduque crianças e jovens de maneira autônoma e responsável.

Como hoje temos 54 cursos em andamento do CEEV em todo Brasil, uma vez por ano organizamos um encontro presencial com os coordenadores e orientadores, em Ibiúna-SP. A proposta desse encontro é promover entre os participantes um momento de interexperiencialidade e interterritorialidade.

Os coordenadores e orientadores trazem para o grupo as experiências, dificuldades, resultados positivos e pontos onde podemos melhorar. Com essas contribuições, fazemos as mudanças necessárias no projeto.

FIGURA 3 – Encontro anual com os Coordenadores e Orientadores do CEEV em Ibiúna-SP



Fonte Luis Gomes 2019

O Ciclo de Estudos da *Educação da Vida* (CEEV) é um movimento educacional que promove esta reeducação: com o fundamento podemos “potencializar o Bem”, e com base no uso correto do poder da palavra, na expressão

desse Bem absoluto, propaga-se o princípio de que todo ser humano é possuidor de capacidade infinita.

Discutimos com os cursistas a confusão que as pessoas fazem com os verbos *existir* e *manifestar*. Para a *Educação da Vida*, o verbo *existir* traduz a essência da pessoa, enquanto o verbo *manifestar* está ligado ao comportamento. Quando compreendemos essa diferença, fica claro que muitas vezes o que o estudante manifesta em seu comportamento é, na verdade, um “grito de socorro”; em outras palavras, ele não é, e sim *está manifestando*.

Em termos didático-pedagógicos, o *Ciclo de Estudos da Educação da Vida* é composto por três componentes curriculares e por atividades virtuais que complementam a formação.

Os componentes são: 1. ***Princípios e Fundamentos da Educação da Vida***: Visão da essência do homem. Crença na capacidade ilimitada do ser humano. Elogio e reconhecimento. Talento e genialidade pelo esforço. Uso correto da palavra pensada/falada/em ato. Cultivo da capacidade imaginativa. Educação para as relações pessoais e sócio profissionais saudáveis: medo, instinto de imitação, autoestima, autoconfiança. Sexualidade e Educação. Desejos básicos do ser humano: ser amado, ser elogiado, ser reconhecido, ser útil, ser livre. O ser humano cresce na direção em que é elogiado.

2. ***Princípios da Imagem Verdadeira***: Concentração, originalidade, espiritualidade. Meio ambiente e espiritualidade. O princípio de unidade entre os seres. Atividade para estímulo da escrita e melhor aproveitamento de conteúdo: “Diário de Aprendizagem” (registro escrito, nos 15 minutos finais de cada aula, do conteúdo aprendido nela).

3. ***Projetos em Educação da Vida***: Planejamento de um memorial a partir da narrativa de fatos significativos, indicadores de um processo de reeducação para exercer a profissão de educador. Prática de investigação: a narrativa (auto)biográfica, o relato de formação, autoformação e a transformação da prática pedagógica.

CARBONO ZERO. Atendendo aos princípios da *Educação da Vida* em relação ao meio ambiente, a equipe responsável pelo CEEV, juntamente com os cursistas, realiza o plantio de árvores para neutralizar a emissão do carbono (CO₂), lançado na atmosfera em razão do deslocamento dos participantes, de suas residências ao local de realização do CEEV.

O número de árvores a plantadas é feito por meio do cálculo da quilometragem dos percursos. A aquisição de mudas, o local adequado e o plantio são feitos mediante parcerias com as prefeituras e/ou outras entidades que atuam no campo ambiental.

FIGURA 4 – Atividade: plantio de árvores com os alunos do CEEV do Município de Taubaté-SP



Fonte: Luis Gomes 2019

O projeto vem ao encontro de muitas iniciativas educacionais que visam contribuir para uma cultura de paz ativa entre os povos, minimizando as relações de violência nas escolas, de desânimo e desestímulo de graduandos, professores, gestores, por uma mudança de concepção do sentido e valor do lugar que cada um ocupa neste mundo; do modo como cada um pode se relacionar saudavelmente com o conhecimento e com o meio ambiente, a fim de autodesenvolver-se e auxiliar outrem a fazê-lo.

Em seu livro: *A construção do conhecimento em sala de aula*, Celso Vasconcellos nos ensina: “Na construção do conhecimento deve existir uma ligação forte entre o sujeito e o objeto, ambos devem estar interrelacionados com o social para que a construção desse conhecimento não seja restrito”.

No âmbito das atividades do CEEV, no ano anterior à realização dos Congressos, são realizados *Fóruns Regionais*, nos quais são apresentados trabalhos

de cursistas, selecionados pela coordenação e orientadores pela qualidade e resultados alcançados.

Na ocasião, é feita uma outra seleção dos trabalhos que possuem condições básicas para serem apresentados no *Congresso Latino-Americano de Educação da Vida*, que também acontece a cada dois anos. No Congresso, além dos trabalhos desenvolvidos pelos estudantes do CEEV, expostos em forma de comunicação e *banners*, são realizadas palestras por educadores que se destacaram em sua atuação, e oficinas pedagógicas.

No primeiro Congresso, contamos com duas participações especiais: o professor José Pacheco, que trouxe a experiência da Escola da Ponte, de Portugal – em sua palestra, o professor usou uma frase com profundo impacto para os educadores: “Não existem alunos com dificuldade de aprendizagem e sim professores com dificuldade de *ensinagem*”.

Contamos também com a participação especial da professora Berta Noris de Archold, que nos trouxe a experiência da aplicação da *Educação da Vida* em sua escola; *Colegio Bilingue Juan Pablo*, no Panamá. Esse colégio se tornou polo de capacitação para os professores na abertura do ano letivo daquele país.

No segundo Congresso, tivemos como convidado especial, Kaká Werá Jecupé, escritor, ambientalista e conferencista brasileiro de origem indígena tapuia. Em sua palestra, nos falou sobre a cosmovisão do povo Tupi-Guarani em relação à educação, promovendo assim a interculturalidade, um momento muito rico.

No terceiro Congresso, trouxemos um representante da Igreja Católica Apostólica Romana, o frei José Alamiro Andrade Silva, franciscano com sério compromisso com a questão ecológica, que nos falou sobre a carta encíclica do Papa Francisco “*Laudato Si*”, abordando sobre o cuidado com a ‘casa comum’ (cuidados com o planeta Terra).

No quarto Congresso, tivemos a participação das educadoras Marília de Satis, gestora do CEU (Centro Educacional Unificado) Heliópolis, da cidade de São Paulo-SP, e Mila Zeiger Pedroso, gestora da Escola Municipal Antonio Coelho Ramalho, da cidade de Ibiúna-SP. Ambas falaram de suas experiências em relação aos bairros educadores.

FIGURAS 5 e 6 – IV Congresso Latino-Americano de *Educação da Vida* da Seicho-No-Ie do Brasil com as participações das educadoras Marília de Satis e Mila Zeiger Pedroso.



Fonte: Luis Gomes 2019



Fonte: Luis Gomes 2019

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme mencionado anteriormente, quando iniciei o curso ANE, o projeto do CEEV já estava em andamento, mas pude observar muitos pontos em comum em relação ao processo de ressignificação. Com nossos cursistas em vários momentos, foi preciso promover a desconstrução de certos conceitos para promover uma mudança que pudesse ser significativa para sua prática pedagógica.

Procuramos, nos encontros, trazer oportunidades para que os mesmos

reflitam sobre a questão: será que não existem outras formas de educar? Isso se tornou evidente nos encontros da ANE, quando o educador Valdo José Cavellet nos disse, “Não existe quem sabe mais e quem sabe menos. Existem diferentes saberes e aprendemos com todos eles”.

Nesse processo, esbarramos com a questão da resistência de alguns cursistas, talvez por conta de insistirem em permanecer na sua “zona do conforto”, ou pela falta de coragem de admitir “*Isso não sabemos*”. Lembro-me das palavras de Tião Rocha na IV CONANE Caiçara: “Não sei bem o que eu quero fazer, mas sei bem o que eu não quero mais”.

Entendemos também que ainda não está claro para escola a definição: que tipo de sociedade buscamos?

Outro fator importante que detectamos como elemento dificultador entre os cursistas é uma busca por modelos prontos de educação ao invés de uma construção coletiva que respeite o universo cultural que a escola esteja inserida e principalmente respeite os valores de seus educandos.

No livro *Pedagogia da Seicho-No-Ie*, lemos:

“Mas, na atual conjuntura educacional, em que todo mundo se preocupa com notas escolares e entulha a cabeça de conhecimentos visando apenas ao ingresso nas melhores faculdades será difícil desenvolver o grande talento latente nas crianças.” (TANIGUCHI, 2007)

O autor ainda nos faz dois importantes questionamentos:

“O que tem a ver currículo escolar com o valor do homem? Será que têm surgido personalidades realmente grandes entre os que foram alunos brilhantes no atual sistema?” (TANIGUCHI, 2007, p. 203)

Jeremy Rifkin, em seu livro *A Terceira Revolução Industrial*, capítulo 8 intitulado, “A reformulação de uma sala de aula”; nos fala:

“Na nova era da Terceira Revolução Industrial, globalmente conectada, a missão primordial da educação é preparar os alunos para pensar e agir como parte de uma biosfera compartilhada”. (RIFKIN, 2012, p. 255)

Infelizmente, não vemos essa missão sendo colocada em prática, como nos afirma José Pacheco em seu livro *Reconfigurar a escola - transformar a educação*:

“O professor ainda age como o “dono do conhecimento” e não o “transmissor de sabedoria”. O processo de educação no Brasil acaba sendo regido por pessoas que não foram educadores, mas sim dirigentes/acadêmicos”. (PACHECO, 2018, p. 117)

Temos visto que há muitas iniciativas para a melhoria da qualidade do sistema educacional. Porém, ele se encontra ainda em situação difícil, com relações deterioradas entre professores, alunos, gestores, nas quais predominam a falta de confiança, diálogo, respeito e falta de sentido na relação ensino-aprendizagem.

Desse cenário resulta o alto índice de evasão, baixo rendimento escolar, violência e insatisfação dos profissionais, da comunidade escolar e da sociedade em geral.

Frente a estes desafios, espera-se que o aluno possa ser sujeito de sua própria formação, e que o professor se veja como sujeito de conhecimento. Naturalmente, nesse processo é fundamental a participação da comunidade, sobretudo a atuação dos pais, tomando conhecimento e interferindo nas propostas da escola e em suas estratégias.

Conforme nos diz José Pacheco em seu livro *Aprender em comunidade*:

“As escolas poderão transformar-se em nodos de redes sociais e virtuais, porque aquilo que faz das pessoas uma comunidade são os valores, as necessidades e os sonhos que elas partilham. Essa transformação, ou reconfiguração das práticas, pressupõe a substituição do frontal passivo, centrado no professor, por um relacional ativo centrado na rede”. (PACHECO, 2014, p 94.)

Para finalizar, quero relatar que ter participado do curso ANE trouxe para o projeto duas importantes contribuições: o trabalho em rede e a busca de parceiros. Ambas nos mantêm fortalecidos e convictos de que não estamos sozinhos na busca por uma educação transformadora. Conforme nos diz Paulo Freire no livro *Pedagogia da Esperança*: “Ninguém chega a parte alguma só” (FREIRE, 1982).

5. REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

PACHECO, José. *Aprender em Comunidade*. Porto Alegre: Edições SM, 2014.

_____. *Escola da Ponte: Formação e Transformação*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

_____. *Reconfigurar a escola – transformar a educação*. São Paulo: Cortez Editora, 2018.

RIFKIN, Jeremy. *A Terceira Revolução Industrial*. São Paulo: M. Books, 2012.

TANIGUCHI, Masaharu. *Pedagogia da Seicho-No-Ie*. São Paulo: SEICHO-NO-IE DO BRASIL, 2007.

VASCONCELLOS, C. *Construção do Conhecimento em Sala de Aula*. São Paulo: Libertad, 1989.